



**REACENDENDO AS LUZES DAS EMOÇÕES NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO
SOBRE O BEHAVIORISMO RADICAL DE SKINNER**

Aparecido Alves das Flôres¹
Guacyra Costa Santos²
Sandra Suely de Oliveira Souza³

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a maneira como o Behaviorismo Radical de Skinner pode nos ajudar a compreender as relações afetivas que se dão na sala de aula entre professor e aluno, no cenário de educação atual, ainda fortemente influenciado por práticas de controle aversivo, a despeito de todas as mudanças efetuadas ao longo da história do ensino.

Para tanto, cabe realçar que a teorização acerca da emoção concebida por Skinner (2003), possibilita classificar o comportamento do homem em circunstâncias que o levam a agir de uma ou de outra forma. Nesse sentido, seja a emoção da alegria ou tristeza, estas afetam o repertório total do organismo. Se, por exemplo, apresentamos estado emocional zangado, tendemos a enfrentar e a ofender o outro, ou por outro lado, se ao estado emocional é de afeição, tendemos a cuidar e a estar mais próximo do outro. Logo, na relação emoção e reforçador, a emoção define quais comportamentos do organismo poderão ser mantidos ou reforçados pelos estímulos do ambiente. Melhor dizendo, a emoção é um estado interno ou uma condição corporal do organismo.

Em se tratando dos aspectos relacionais no âmbito escolar, deparamo-nos com a complexidade presente nesse contexto, cujos operantes por parte dos alunos, promovem

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), localizada no Estado da Bahia, no Brasil, e membro do Grupo de Estudos em Didática das Ciências Experimentais e da Matemática (GDICEM) e do Grupo de Pesquisa e Extensão em Tecnologias Digitais no Ensino (GPETDEN). Endereço eletrônico: aparecido.matematica@gmail.com.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC). Endereço eletrônico: guacyracosta22@hotmail.com.

3 Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) no programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação (FACED). Endereço eletrônico: sandraso.s@hotmail.com



em muitas ocasiões comportamentos de fuga ou esquiva ao processo de aprendizagem quando reforçadores aversivos são apresentados pelo professor, restritos aos dispositivos de controle punitivo. Nesse sentido, levar em conta o fenômeno emocional no contexto da sala de aula é de extrema importância na perspectiva de serem evidenciados os tipos de emoções que transitam nesse espaço, uma vez que, como afirma o próprio Skinner (1995, p. 13), “como as pessoas se sentem é frequentemente tão importante quanto o que elas fazem”.

O trabalho de Skinner (1972, p. 4) considera a ideia de que “ensinar é simplesmente arranjar contingências de reforço”, entendendo que essas contingências de reforço são compostas das seguintes variáveis: “(1) a ocasião em que o comportamento ocorre, (2) o próprio comportamento e (3) as consequências do comportamento”. Desse modo, o conjunto de ações pedagógicas que constitui o ensino deve levar o aluno a ter prazer em ir para a escola e a gostar de interagir com os colegas e professores, consequências comportamentais que seriam uma demonstração de que o arranjo das contingências desse ambiente tem a presença do “reforço positivo”. Este, conforme Skinner, que é contrário aos esquemas punitivos, consiste em qualquer evento que seja capaz de aumentar a probabilidade de ocorrência da resposta que o produz. No contexto atual, a escola, assim como o é a família, é um reforçador do comportamento das crianças, a depender das condutas adotadas.

Tal artigo se justifica, pois, pela necessidade de refletir sobre as emoções que são observadas no ambiente escolar, as quais interferem no processo de ensino e aprendizagem, tanto favorável quanto desfavoravelmente. Uma boa compreensão dessas emoções, à luz do Behaviorismo Radical, pode contribuir no aprimoramento das relações entre os educandos e educadores e na organização de um ambiente escolar harmonioso e agradável, que seja propício à produção do conhecimento.

METODOLOGIA

Este estudo em andamento tem como prerrogativa tecer reflexões em torno dos pressupostos teóricos forjados pela literatura de Burrhus Frederic Skinner, que é a expressão do Behaviorismo Radical, para melhor compreendermos as emoções decorrentes da interação entre professores e alunos em sala de aula. O trabalho é fruto de um estudo realizado durante a disciplina “Teorias da aprendizagem”, cursada no



Programa no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGen), na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista em 2017.1.

Acreditamos ser significativo o exercício reflexivo em torno do tema em questão a fim de pontuarmos os entraves que transitam no âmbito da sala de aula e que nem sempre damos a devida visibilidade. Para ajudar nas reflexões, este trabalho traz a letra da música “Balada do Louco”, de autoria de Rita Lee e Arnaldo Batista, e a pintura “O Grito”, de Edward Munch: a ideia é realizar um diálogo dessas obras com a teoria de Skinner, a fim de entender as relações que se estabelecem em sala de aula, espaço tradicionalmente programado para lidar com “mentes iguais”, o qual, muitas vezes, desconsidera os estados psicológicos dos indivíduos.

As abordagens da teoria comportamental da literatura pesquisada provocaram nos autores deste artigo inquietações a respeito de como deve ser o arranjo dos reforçadores do ambiente educacional de modo que não haja uma conformação às sutis posturas de controle aversivo presentes no sistema de ensino vigente, que podem provocar desconforto mental e até mesmo transtornos de ordem psíquica.

DISCUSSÕES

Ao poetizar, na música Balada do Louco, “Mais louco é quem me diz e não é feliz”, os compositores criticam a postura de uma sociedade cujas instituições discriminam comportamentos que fogem aos padronizados, como os apresentados pelos “loucos”. Por seu turno, ao produzir a obra “O Grito”, o artista expressa a dor dos conflitos psicológicos que vivera e das angústias pelas quais passara na família em um ambiente hostil de falta de amor e de amizade.

Na realidade, ter um comportamento estranho para o tempo em que se vive pode resultar em rótulos agressivos, que demoram a ser desfeitos. São rótulos que, na maioria das vezes, desestabilizam as pessoas, deixando-as “loucas” por algum tempo, já que essa loucura não é delas, mas emerge do meio em que vivem. Essa compreensão suscita a concepção de Skinner (1995), segundo a qual a perturbação não está na mente, mas nas contingências perturbadoras do ambiente, às quais a pessoa tem sido exposta.

O ambiente de sala de aula perturbado ou desarranjado capaz de influenciar nas emoções é tratado por Skinner (1972, p. 92): o autor considera que a escola reformada para tirar as punições de caráter corporal ou físico ainda preserva, em sua essência, as críticas



destrutivas, os sarcasmos e as censuras, que aparentemente são menos prejudiciais para o organismo, mas na realidade também representam uma forma de controle aversivo, dirigida pelo professor, que, ao estar numa posição de autoridade, sente-se mais forte que o aluno.

As atitudes de imposição de regras geram, de acordo com Skinner (1972, p. 92-93), os chamados “subprodutos”, os quais correspondem às válvulas de escape do estudante, que aparecem em comportamentos como chegar sempre atrasado na sala de aula, estar em sala, porém com pensamento ausente, na medida em se encontra alheio ao que é proposto pelo professor, entre outras formas de fuga. Além dos “subprodutos” do controle aversivo, existem os “contra-ataques”, lembrados por Skinner (1972, p. 93-94), dos estudantes para o professor, como atitudes de provocação, arrogância, obscenidade, vandalismo e violência.

Dessa maneira, ambas as partes, ao avançarem no estado emocional de tensão, podem chegar a extremos, que variam da evasão escolar até a desistência da profissão. As ações e reações decorrentes desse desarranjo de sala de aula podem deixar marcas emocionais no indivíduo, entre as quais podem se destacar o medo, a ansiedade, a raiva, o ressentimento e o pânico. Em particular na vida escolar do aluno, as práticas aversivas, mesmo em menor grau, podem prejudicá-lo nas suas relações interpessoais com seus colegas e professores e, por conseguinte, na sua aprendizagem.

Ademais, as contingências aversivas levam os estudantes, que conseguem se manter na escola, a adaptar-se ao que não é agradável ou ao que lhe causa dor. Tais formas de controle não se manifestam somente no ambiente de interação entre professor e aluno, mas também nos espaços socioculturais e na filosofia de domínio do Estado e da religião. Em conformidade com Skinner (1972, p. 97-98), ressalva-se o fato de que a maioria dos professores não quer aplicar o controle aversivo, mas pode fazê-lo sem perceber; e ainda, por outro lado, o fato de que os alunos, em grande parte, querem estudar e estão dispostos para isso, porém, por razões que fogem ao seu conhecimento, não se esforçam e perdem tempo, e muitos, por sinal, estão em estado de revolta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, a punição nas escolas funciona de forma indireta: não é mais usado o castigo físico, mas atitudes e verbalizações agressivas, que provocam inquietações nos



alunos. Estes, muitas vezes, são obrigados a ser “iguais” sob regras que são impostas pela escola. Nenhum ser humano é igual ao outro e precisa ser respeitado nas suas diferenças individuais. Isso não significa que ele está livre para fazer o que quer, mas que, coletivamente, pode combinar normas com os demais envolvidos no processo para tornar o ambiente de convivência agradável e favorável a todos.

Espera-se que o ato de reacender as luzes das emoções na sala de aula neste momento histórico traga a revitalização da consciência e o aprimoramento das atitudes que permeiam o espaço escolar. Assim, a concepção de Skinner se enquadra numa ciência psicológica que vem ampliando espaços para realizar a crítica ao mundo, no qual se constrói acerca do comportamento. Nessa ciência, o educador deve estar inserto de maneira segura, orientado e capacitado na medida do possível, para lidar de forma mais precisa com as dificuldades e os conflitos que imperam no campo das emoções, os quais afligem a todos. Os problemas de conflito emocionais entre professores e alunos, especialmente, podem ser discutidos em cursos de formação docente, a fim de encontrar caminhos capazes de levar a arranjos de ensino que minimizem os comportamentos que desfavorecem o alcance dos objetivos de aprendizagem.

Portanto, este trabalho é um relato de experiência que nos provoca a repensar atitudes pedagógicas que mascaram elementos estruturantes de ações ineficazes na maioria das vezes e que corroboram para minar uma aprendizagem mais significativa para os alunos. É um trabalho em andamento, e, portanto, passível de resignificação por parte dos autores.

Palavras-chave: Comportamentalismo. Emoções. Ensino. Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Ilma A. Goulart de Souza; ELIAS, Paula Virgínia Oliveira. Análise comportamental das emoções. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 16, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X200900010004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 maio 2017.

FARIAS, Everaldo. **Música do Brasil**. Disponível em: <<http://everaldofarias.blogspot>>.



com.br/2009/07/balada-do-louco.html>. Acesso em: 22 abr. 2017.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento humano**. 11^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Questões Recentes na Análise Comportamental**. Tradução de Anita Liberalesso Neri. 2^a ed. Campinas, SP. Papyrus, 1995.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do Ensino**. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.